

CAPOEIRA

Da senzala às Olimpíadas?

CAPOEIRA

From Senzala to Olympic Games?

Américo Pellegrini Filho¹

Resumo: A partir de meados do século XX, há uma acelerada evolução da Capoeira. De prática de defesa e ataque, originada entre escravos negros no Brasil, passa a jogo atlético e de aprimoramento físico e mental, praticada inclusive por mulheres, sendo, ainda, um item constante em atividades turísticas. A presente análise apresenta como se deu o processo de “embranquecimento” e de valorização da Capoeira, expressas na existência de cerca de 5.500 academias (ou entidades com outras denominações) de Capoeira, além da existência de federações nacionais no Brasil, Argentina e Portugal.

Palavras-chave: Turismo. Cultura. Capoeira.

Abstract: From mid-twentieth century, there was an accelerated evolution of Capoeira. From the practice of defense and attack, originated among slaves in Brazil, it is now an athletic game and also a physical and mental improvement, even practiced by women, is also a constant item in tourist activities. This analysis shows how to set the process of "whitening" and recovery of Capoeira, expressed in the existence of about 5,500 academies (or entities under other names) of Capoeira, besides the existence of national federations in Brazil, Argentina and Portugal.

Key-words: Tourism; Culture; Capoeira

¹ **Américo Pellegrini Filho** - Possui graduação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (1958), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1980), doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1987), Livre-Docente (1992) e Titular (1996), pela mesma Universidade. Atualmente, aposentado, é professor-colaborador em Pós-Graduação na Escola de Comunicações e Artes-Universidade de São Paulo. Sua atuação acadêmica se prende principalmente aos seguintes temas: patrimônio cultural, turismo cultural, patrimônio natural, folclore/cultura popular, comunicação popular escrita.

INTRODUÇÃO

Há anos a Capoeira está sendo exportada: existem grupos e “mestres” praticando esse jogo de destreza física em vários países: Estados Unidos, Argentina, Uruguai, França, Portugal e outros. Já foram realizados, também, campeonatos estaduais e brasileiros, desde a década de 1970; em abril de 2001 se realizou em Nantes/França, o 2º Festival Internacional de Capoeira². Na verdade, uma série de eventos vem marcando a evolução dessa prática desportiva, nos últimos tempos. Em 1961, a Polícia Militar do então Estado da Guanabara começou a praticar Capoeira, mediante sua inclusão no currículo de ensino para a carreira policial. Em 1972, o Ministério da Educação e Cultura homologou a Capoeira como uma modalidade desportiva. O primeiro Campeonato Estadual, em São Paulo, foi realizado em 1973, seguindo-se outros campeonatos. A primeira disputa internacional foi realizada em São Paulo, envolvendo uma seleção de universitários e atletas das universidades de São Paulo e da Califórnia, em 1983.

Outros fatos como esses, ocorridos especialmente a partir de meados do século XX, mostram a acelerada evolução de uma prática de agilidade física, de defesa e ataque, originada entre escravos negros no Brasil, e que hoje constitui um jogo atlético e de aprimoramento físico e mental, sendo praticado inclusive por mocinhas e madames interessadas em manter o corpo de acordo com padrões estéticos ocidentais de beleza. E, indiscutivelmente, um item constante em atividades turísticas. Como se deu esse processo de “embranquecimento” da Capoeira?

ORIGENS

Estudiosos interessados em explicar a história de fatos culturais não são unânimes em afirmar se a Capoeira se

transferiu para o Brasil nos navios negreiros – portanto, já pré-existente na África negra – ou se ela nasceu no Brasil, certamente derivada de habilidades físicas de escravos. Parece mais provável seu nascimento entre escravos fugidos, talvez escondidos em matas de capoeira, e que se defendiam e atacavam quando descobertos pelo capitão-do-mato e auxiliares, a mando dos fazendeiros donos da negrada (a mão-de-obra escrava foi um importante ingrediente da agricultura canavieira de exportação do Brasil, nos séculos XVII e XVIII).

Para o folclorista Luís da Câmara Cascudo (1967), a Capoeira deriva de *N'golo* e de *Bássula*, registradas em Angola. Trata-se de práticas executadas por rapazes, ao som de berimbau – *hungu* ou *m'bolumbumba* – durante a festa da puberdade de mocinhas. O rapaz vencedor conquista o direito de escolher sua esposa, sem precisar pagar o dote, o que faz parte da cultura local (CASCUDO, 1967, p.183-186). Outros autores, como Manuel Querino, Édison Carneiro, Waldeloir Rego, Gladson de Oliveira Silva, concordam em que a Capoeira deve ter se formado no Brasil, por escravos negros que sabiam, já de origem além-mar, certos golpes e movimentos corporais como os do *N'golo*. Portanto, um traço cultural afro-brasileiro, provavelmente na linha banto.

A pesquisa histórica se complica, todavia, quando verificamos que o padre Anchieta, já em 1595, observa que “índios tupi-guaranis divertiam-se jogando capoeira”... O próprio nome pode ser um significante composto tupi-guarani, *ko-puera*, que quer dizer “terreno onde já houve roça e que foi reconquistado pelo mato” (CUNHA, 1998, p. 98). Mas a palavra em questão designa também uma gaiola grande ou cesto circular onde se criavam ou transportavam aves domésticas, para serem vendidas na rua ou em feira/mercado por escravos que, nos intervalos de trabalho, praticavam um jogo atlético que acabou por ser denominado com o mesmo significante. Quer dizer: capoeira = cesto grande (CUNHA, 1982).

² Promoção www.paubrasil.org

Para Cascudo (1967), a origem do nome é obscura, não contribuindo para esclarecer a origem do fato.

Há notícia da capoeira desde a transferência da capital do país da Bahia para o Rio de Janeiro (1763), mas, tratando-se de uma forma de luta pela liberdade, não seria de esperar a presença de instrumentos musicais. Estes só apareceriam mais tarde, quando os negros passaram a exercitar-se para embates futuros (CARNEIRO, 1974, p. 152).

A falta de documentação é fator suficiente para deixarmos de lado preocupações quanto a precisar com exatidão a origem da Capoeira (afinal, como acontece com outros traços culturais brasileiros de formação nos primeiros séculos). Interessa mais sua evolução a partir de quando ela já se encontrava fixada, principalmente nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, e mais exatamente no século XIX. Então, a Capoeiragem era tratada como um tremendo caso de polícia, já que provocava aflições enormes em festas tradicionais, em festas cívicas, em bailes familiares, em pacatas reuniões noturnas, levando a conflitos que envolviam até pessoas importantes; e mortes, porque os capoeiras, não raro, lutavam trazendo escondida uma faca de ticum (palmeira desse nome, que fornece também madeira dura), uma navalha ou ainda uma bengala conhecida por petrópolis. Pretos e mulatos ficaram famosos por sua valentia e sua destreza corporal. E, no decorrer dos tempos – ora vejam! – moços brancos começaram a aprender a jogar Capoeira. Haja coragem para enfrentar a chamada “vadiagem” ou “vadiação”.

CASO DE POLÍCIA

Imagine-se o Brasil Colonial dos séculos XVII, XVIII e inícios do seguinte, com os encontros culturais de brancos (através do português), de indígenas e de negros africanos. Além desses elementos, devemos observar também, na elite do Rio de Janeiro, a figura do comerciante inglês, sempre disposto e preparado para fazer

valer os interesses de Sua Majestade, sobrepondo-os a quaisquer interesses de Portugal; inclusive no tráfico de escravos. E, desse modo, influenciando na vida da Colônia. Sabe-se que, enquanto o tráfico de escravos negros interessava à Inglaterra, esta não apenas apoiou a economia escravista lusa, mas também a explorou abertamente, até mesmo usando a força das armas, e obtendo grandes lucros. No século XIX, porém, com seus interesses voltados para a economia capitalista em seu território, houve mudança no comportamento dos ingleses: passaram a condenar o que antes praticavam e cooptaram e obrigaram Portugal e Brasil a abandonar a escravidão de pretos africanos.

No século XIX, a sociedade brasileira, com grande hegemonia de brancos, tinha de conviver com três “perigos”: Quilombos, Candomblé ou Macumba, e Capoeira. Obrigado a aumentar a segurança da Corte, já instalada no Rio, D. João VI criou uma Secretaria de Polícia, em 1808, entregue ao major Miguel Nunes Vidigal, que logo declara guerra aos capoeiras. Persistiu nessa determinação até 1853, quando faleceu. Todavia, a sua determinação e a de outros chefes de polícia não se mostravam suficientes para exterminar o que era considerado um cancro social.

No Primeiro e no Segundo Império, a Capoeira chegou a ter tanta presença na vida do Rio de Janeiro que, além de constar da crônica policial, passou a ser instrumento político, principalmente integrando campanhas de período eleitoral. A polícia em cima.

A chamada Guerra do Paraguai (1865-1870) foi um bom pretexto para que o governo do Império recrutasse capoeiras, em vários pontos do país, e os enviasse na condição de soldados chamados zuavos, que lutavam pela liberdade (também havia soldados regulares, mercenários e voluntários). Consta que muitos desses zuavos tiveram atos de bravura, e chegaram a receber condecorações.

No final do século XIX foi organizada a Guarda Negra, uma associação de fanáticos objetivando defender a princesa Isabel e, naturalmente, freqüentada por capoeiras. Fizeram misérias contra os republicanos, como nos tumultos que acabaram com um comício destes, no Rio de Janeiro, em 30 de dezembro de 1888.

A mudança do regime político não diminuiu a perseguição à Capoeira: logo após o 15 de Novembro de 1889, o marechal Deodoro, como primeiro presidente da República, dá carta branca ao chefe de polícia Joaquim Sampaio Ferraz, para acabar com o “cancro”. São freqüentes, na imprensa carioca, notícias de prisão de capoeiras, como esta:

Desordeiro - Por ser desordeiro e estar em exercício de capoeiragem, foi antehontem preso em Nitheroy João Baptista da Costa, e por ordem do subdelegado do 1º districto, remetido para a casa de detenção (JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 08-04-1890).

Em pouco tempo, o chefe de polícia Sampaio Ferraz – aliás, também conhecedor da Capoeira – resolve: prende e deporta para Fernando de Noronha todo e qualquer capoeira do Rio de Janeiro, independentemente de ser preto e pobre ou mocinho de classe alta. E tal foi feito. Até que, em 8 de abril de 1890, foi preso nada mais nada menos que o filho do primeiro conde de São Salvador de Matosinhos e irmão do segundo conde de mesmo título, o famoso (e temível) capoeira José Elísio Reis, mais conhecido por Juca Reis, recém-chegado de Lisboa. Essa prisão, com a iminente deportação, faz pipocar uma crise no Governo: o ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocayuva, defende o capoeira e diz que renunciará no dia da partida forçada do cidadão Juca Reis. Por outro lado, o ministro da Justiça, Campos Salles, defende as decisões do chefe de polícia Sampaio Ferraz.

Acresce que o inflexível chefe de polícia prendia os capoeiras não em flagrante, mas face a seus antecedentes, mediante

levantamento efetuado sobre a malta de capoeiristas. O assunto consta em atas de algumas sessões do Governo, bem como em textos-depoimentos da época, criando expectativa na população. Até que o generalíssimo Deodoro conseguiu manter Bocayuva no ministério, e Sampaio Ferraz conseguiu manter sua decisão: lugar de Capoeira é em Fernando de Noronha, com trabalhos forçados. Depois, a família – constrangida – conseguiu autorização que permitiu a Juca Reis seguir viagem para Lisboa. O jeitinho...

Relatando a crise governamental que se instalou com a prisão de Juca Reis, em 1890, Dunshee de Abranches afirma que a Capoeira, na então capital da República, “mais que uma arte, era uma verdadeira instituição” e igualmente uma “praga”.

Na sociedade brasileira de então, um forte sentido de identidade grupal fazia com que as maltas agissem de modo a manter a *communitas*, até apelando para vinganças. Como observa Melo Moraes Filho, se

[...] um senhor, por motivo de capoeiragem, vendia para as fazendas um escravo filiado a qualquer malta, eles reuniam-se e designavam o que havia de vingá-lo (1946, p. 446).

O Código Penal de 1890 inclui uma referência explícita a “Vadios e Capoeiras”, no capítulo XIII. Em seus artigos 402, 403 e 404, estabelece com minúcias:

Art. 402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem, andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal. Pena de prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo Único - É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art. 403 - No caso de reincidência. Será aplicada ao capoeira, no grau máximo a pena de um a três anos, a colônias

penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os presídios militares existentes.

Parágrafo Único - Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404 - Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranqüilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

Os pormenores do texto são claros: ocorria tudo isso, na sociedade de então, tanto no Rio de Janeiro como em outras cidades que tivessem considerável presença de negros e mulatos, estes também exímios capoeiristas. Em Salvador, “vadiar”, isto é, jogar Capoeira, era comum em locais como o Cais do Porto, o Cais Dourado, a Baixa dos Sapateiros, também durante a festa da Boa Viagem, a festa do Bonfim, a festa de Conceição da Praia e sem dúvida o Carnaval. Também na capital baiana houve um delegado de polícia rigoroso, que se notabilizou pela perseguição aos capoeiristas; foi Pedro de Azevedo Gordilho, o popularmente chamado Pedrito, nos anos 1920. Por outro lado, referindo-se a Recife, Mário Sette diz:

Sáisse uma música para uma parada ou uma festa e lá estariam infalíveis os capoeiras à frente, gingando, piruteando, manobrando cacetes e exibindo navalhas.

Faziam passos complicados, dirigiam pilhérias, soltavam assovios agudíssimos, iam de provocação em provocação até que o rolo explodia correndo sangue muito e ficando defuntos na rua (s/d, p. 110-111).

Havia intelectuais e políticos que defendiam os capoeiras, como Coelho Neto que, aliás, foi um praticante do jogo. O contexto da Capoeira, nessa época, pode ser compreendido por um conjunto de características: uma prática popular com adeptos na elite, marcada por valentia,

música e canto, destreza e gestualidade corporal – a famosa ginga do afro-brasileiro, dando a impressão de estar dançando modorrento ou de estar bêbedo – mas também a honra pessoal e a solidariedade entre membros de cada grupo. Essa “ameaça social”, de acordo com a visão de autoridades, na realidade, era prática de vida que valorizava a liberdade individual e de pequenas comunidades, as maltas, conforme estuda Maria Ângela Borges Salvadori, em seu mestrado. Ela explica que, no Rio de Janeiro de 1890 a 1950, capoeiras e malandros (não confundíveis com ladrões) foram equivocadamente inseridos no âmbito de violência urbana, entretanto a vida desses elementos refletia uma postura contra a obrigatoriedade social do trabalho:

[...] aquilo que as falas disciplinares da polícia, da grande imprensa e de intelectuais ligados ao Estado ou a suas propostas percebiam como desordem e ameaça social era, quando analisado por um ângulo mais intenso, uma prática de vida onde a liberdade pretendia ser preservada (SALVADORI, 1990, s/p.).

Os estudos sobre Capoeira referem-se comumente ao Rio de Janeiro, a Salvador e ao Recife; entretanto, o traço cultural popular não existia exclusivamente nessas cidades, mas também em outras. Pesquisas em registros policiais, em registros de óbitos, em publicações e em outras fontes poderão revelar a verdadeira abrangência da Capoeira, durante o Segundo Império e a Primeira República. A capital paulista se acha ausente nos estudos sobre o assunto, todavia uma pequena notícia publicada por *O Estado de S. Paulo* serve de prova da sua ocorrência e de pista para novas colocações. De fato, em 8 de janeiro de 1909, esse jornal publica, na página 3, uma nota de 23 linhas, com o título “Capoeiragem e pau”: refere-se a um “degradante espectáculo em plena rua” ocorrido entre dois indivíduos devidamente nomeados – Manuel António da Silva e António de Oliveira Rosa – que “jogavam capoeira” no progressista bairro do Brás, onde habitavam brasileiros e

imigrantes portugueses, italianos e espanhóis. A circunstância de um italiano, Giovanni Cincato, ter dado palpites na “vadiagem” dos dois brasileiros – a notícia não indica se eram pretos ou branco – incitou um destes a dar-lhe uma paulada, o que levou os três ao posto policial e ao noticiário policial. Por essa mesma época, há posturas municipais paulistanas que também tratam de capoeiristas.

ACEITAÇÃO E PRESTÍGIO

Nos primeiros anos do século XX, os japoneses eram praticamente desconhecidos da população brasileira; o primeiro navio de imigrantes aportou em Santos em 1908. Nessa época, os cariocas puderam presenciar uma cena incomum. Chegado do Japão, o campeão de jiu-jitsu Sada Miako desejava fazer uma exibição dessa arte marcial, uma novidade no Brasil; e a população estava ansiosa por isso. Mas não havia com quem. Logo surgiu a idéia: um combate do lutador do desconhecido jiu-jitsu com o capoeira Ciríaco Francisco da Silva, trabalhador das docas. Marca-se dia e hora, tudo preparado, os dois competidores a postos; uma pequena multidão em expectativa. Dado o sinal de início, quando o japonês inclina-se para a saudação oriental convencional, o prevenido negão Ciríaco deve ter imaginado que o estrangeiro já preparava um golpe; pronto: dá-lhe uma cusparada nos olhos e imediatamente lhe aplica um potente rabo-de-arraia. A luta não demorou mais de cinco segundos (e, mais uma vez, a Capoeira estava em jornais, todavia agora não em noticiário policial). Foi assunto para mil-e-um comentários e jocosidades; como este que a revista *Careta* publicou junto a desenho do rosto de preto:

Quá jitsu nem jitsi. O inimigo é no gume da navaia ô na capoêra nacioná. Deixa vim os chineis do Japão! (CARETA, nº 33, 16-01-1909).

Com o passar dos anos e com altos e baixos na repressão policial, verificamos uma mudança na trajetória do jogo atlético.

Os atos policiais devem ter contribuído para que, no Rio de Janeiro, a Capoeira tenha sido resumida à rasteira, conforme Édison Carneiro (1974). Um processo de ajustamento pode ser observado, na primeira metade do século XX.

Em 1907 é publicado o *Guia da capoeira ou ginástica brasileira*, autor desconhecido mas com as iniciais O.D.C. (sigla de Ofereço, Dedico e Consagro à distinta mocidade). Segundo Gladson de Oliveira Silva (1995, p. 22), o autor deve ter sido “um oficial do Exército, que julgou prudente não revelar o nome, pelos preconceitos que então existiam contra a capoeiragem”.

Em 1928, Aníbal Burlamáqui publica *Ginástica nacional (capoeiragem) – metodizada e regrada* que, como o título sugere, pretende elevar a Capoeira à condição de instrumento para ginástica “metodizada” e “regrada”. Nos anos 1930, o baiano Manuel dos Reis Machado, mais conhecido por mestre Bimba (1900-1974), faz uma exibição do jogo atlético no Palácio do Governo, a convite do interventor federal em Salvador, Juracy Magalhães, e com a presença do presidente Getúlio Vargas.

Em 1937, o citado mestre Bimba obtém reconhecimento oficial (alvará) de sua Academia de Capoeira, a primeira a ser criada no Brasil (1932), porém não usando o nome que carregava aquela carga preconceituosa; chamou-a Centro de Cultura Física e Luta Regional. Ainda em 1937, ele consegue registro de seu curso de Capoeira, integrado na área de Educação Física.

Nesse mesmo ano, o presidente Getúlio Vargas libera o jogo atlético. É o caminho do processo de ascensão social do traço com origem humilde da senzala de negros escravos. Coincidentemente, com o ritmo do samba e com as Escolas de Samba, no Rio de Janeiro, acontece algo semelhante, na mesma época, acentuando-se logo após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

Por volta dos anos 1950, as rodas de Capoeira passam a ser consideradas entre os atrativos baianos para o turismo, ao mesmo tempo em que se multiplicam as “academias” em todo o território brasileiro. A Capoeira passa a enriquecer festivais de folclore e comemorações cívico-desportivas além de reforçar tipismos (daí sua presença em filmes, programas de TV, obras literárias). Romances, filmes famosos como *Barravento* (Glauber Rocha, premiado na Checoslováquia, 1961), *O Pagador de promessas* (Anselmo Duarte, premiado em Cannes, 1962), *Senhor dos Navegantes* (Aluísio de Carvalho, 1964) e outros, também incluem a Capoeira em seus contextos; e festas escolares, festivais de folclore e diversos eventos seguem o mesmo caminho.

Daí em diante, foi um contínuo alargamento da geografia da Capoeira, com a fundação de cursos e academias em todo o território brasileiro e a compreensão da sua potencialidade como desporto e prática de aperfeiçoamento físico e mental. O Ministério da Educação criou um Programa Nacional de Capoeira, visando a introduzi-la em escolas de 1º e de 2º graus. Na Universidade Federal da Bahia, na Universidade de São Paulo e em outras, a modalidade é oferecida a alunos matriculados e a interessados de fora do âmbito escolar regular.

Alguns fatos recentes desse processo de sobrevalorização da prática desportiva são os seguintes:

- * 1º Campeonato Estadual de Capoeira, São Paulo, 1973.
- * 1º Campeonato Brasileiro de Capoeira, São Paulo, 1973.
- * Fundação da Federação Paulista de Capoeira, a primeira do gênero, em 14 de julho de 1974. A segunda foi fundada no Rio de Janeiro, em 1984.
- * Introdução da Capoeira no CEPEUSP – Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, em 1974, por mestre Gladson de Oliveira Silva. Por essa

época, o jogo atlético passa a ser praticado em outras universidades.

- * 1º Festival Estadual de Capoeira, São Paulo, 1978.
- * Introdução da prática de Capoeira especialmente entre estudantes de artes cênicas, na Escola de Comunicações e Artes – USP, na década de 1980, pelo professor Miroel Silveira.
- * Abertos cursos de Capoeira em diversos países, dentre os quais: Estados Unidos (desde a década de 1970), Argentina, Uruguai, Venezuela, Canadá, Portugal, Inglaterra, Holanda, Itália, França, Japão, através de brasileiros neles instalados em busca de melhores empregos, especialmente a partir da década de 1980. Esses cursos acabam funcionando também como pontos de difusão de cultura brasileira.
- * Criação da Confederação Brasileira de Capoeira, em 23 de outubro de 1992.
- * Criação de 23 federações de Capoeira, no Brasil, até 1995.
- * Eleição da Confederação Brasileira de Capoeira como representante oficial do Comitê Olímpico Brasileiro, em 20 de fevereiro de 1995. Nesse mesmo ano, a CBC é associada ao Comitê Olímpico Internacional.
- * Estimativas para 1997 apontavam a Capoeira praticada em 48 países. A expectativa era chegar-se a 75 países em poucos anos, número mínimo exigido pelo Comitê Olímpico Internacional para reconhecer uma nova modalidade desportiva.

Por outro lado, a atividade significa também criação de empregos, não apenas em academias. Em cidades do Nordeste, há considerável produção de peças como berimbaus, atabaques, agogôs, caxixis (tipo de chocalho), uniformes brancos, camisetas decorativas, chaveiros, vídeos – consumidos por praticantes e por turistas. Mas o artesanato não se limita ao Nordeste; na capital paulista (bairro do Sumaré), uma micro-empresa produz cerca de mil berimbaus por mês além de outros

complementos para as rodas de Capoeira, e ocupa cinco pessoas.

REGIONAL E ANGOLA

Se o mestre Bimba é pioneiro nos primeiros passos em direção a se alcançar reconhecimento da sociedade para com a Capoeira, é também pioneiro em criar a Capoeira Regional, diferente da Angola e tida como mais viável de ser aprendida, como lazer desportivo. Essa Regional é a que se aprecia como atrativo turístico.

A Regional e a Angola apresentam diferenças, e até hoje existe certa rivalidade entre seus praticantes. O surgimento da Regional se deve ao estigma de “caso de polícia”, vigente até as primeiras décadas do século XX. Para evitar isso, mestre Bimba introduziu modificações, como a posição dos jogadores (não tão abaixados como na Angola, mas em pé, o “jogo de fora”) também criou e acentuou a importância do código de ética, criou o ritual do batismo, o uniforme branco, dispensou qualquer tipo de calçado.

Assim, abriu caminho para a aceitação da Capoeira como jogo atlético, admitindo ainda a presença de mulheres na prática desportiva. Por outro lado, os praticantes da Capoeira Angola têm como líder sempre lembrado Vicente Joaquim Ferreira ou mestre Pastinha (1889-1981). Poderiam ser ditos “tradicionalistas”, uma vez que procuram manter a Capoeira sem alterações significativas; fazem um jogo considerado mais difícil, com o corpo arcado e mais junto ao chão – o chamado “jogo de dentro” – movimentos lentos, parece que mais cheios de malícia, de manha, de ginga especial para distrair o adversário e criar o momento para o golpe certo; com classe:

Quando eu jogo, até pensam que o velho está bêbado, porque fico mole e desengonçado, parecendo que vou cair.

Mas ninguém ainda me botou no chão, nem vai botar (MESTRE PASTINHA)³.

Na opinião de mestre Bola Sete (1997) e de outros angoleiros, a Regional permitiu a adesão de praticantes de outras lutas, o abuso de “saltos mirabolantes, como se estivessem num circo”, freqüentemente para agradar ao turista que não conhece o jogo.

O que difere realmente a Angola da regional é, principalmente, a filosofia empregada nas duas escolas. O mestre angoleiro procura passar ao seu discípulo o culto aos rituais e preceitos existentes na capoeira Angola. Ao mesmo tempo, procura prepará-lo para defender-se, sem interferir no seu potencial de criatividade, dotando-o de uma grande dose de malícia, baseada na calma e na velocidade de impulso, em que o capoeirista só deve atacar no momento oportuno; o mestre regional prepara o seu discípulo visando, principalmente ao ataque, tornando-o mais agressivo do que o angoleiro, pois o seu objetivo maior, além da defesa pessoal, é torná-lo um eficiente desportista, pronto para competir (MESTRE BOLA SETE, 1997, p. 189).

Na realidade, é a Capoeira Regional que se pratica comumente, hoje em dia, ficando a Capoeira Angola restrita para um menor número de conhecedores.

INTERESSE ERUDITO

Na realidade, houve um grande interesse de segmentos eruditos pelo fato folclórico afro-brasileiro, e até sua apropriação por elementos da elite, acompanhando o amadurecimento da conscientização de que o jogo atlético deve ter normas padronizadas. Mas, há mestres que não seguem essa linha de raciocínio, a ponto de em nossos dias ocorrerem certos conflitos. Há praticantes que se posicionam contra a “imposição” de normas – o processo de institucionalização – com a conseqüente perda de características do radicional-popular (algo semelhante

³ Em entrevista ao autor

aconteceu com as Escolas de Samba cariocas).

Nesse processo, a Capoeira entrou em universidades. Gladson de Oliveira Silva, mestre da Regional, é quem dirige as atividades respectivas no Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo - CEPEUSP. Seu livro *Capoeira – do engenho à universidade* (segunda edição em 1995) pretende ser uma contribuição para o aprimoramento da prática desportiva, de modo a que não prevaleça nenhuma atitude agressiva desleal e nenhuma intenção de seu uso para a violência e a marginalidade, mas sim, com objetivos positivos de “socialização, saúde, educação e integração da mente e do corpo” (p. 25). Além de informações preliminares, a obra inclui diversos esquemas de treinamento, nutrição, musculação, ginástica artística, cânticos etc.

Há diversos outros livros sobre o tema como *Capoeira Angola - ensaio sócio-etnográfico*, de Waldeloir Rego, *Capoeira na escola*, de H. Campos, *O que é Capoeira*, de Almir das Areias, *Capoeira - pequeno manual do jogador*, de Nestor Capoeira. Também na Faculdade de Educação Física, no Sintusp, no Crusp, na Politécnica, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – todos em âmbito da USP – há cursos de Capoeira, abertos à comunidade. E, afinal, em universidades de outros Estados e em muitas cidades se encontram milhares de academias, que é o nome fixado para escolas práticas de Capoeira.

O professor Gladson, com a experiência de quem já ministrou cursos de Capoeira no Brasil e no exterior, acentua que o jogo atlético evoluiu muito em seus aspectos técnicos, porém, ainda se faz necessário muito “desenvolvimento psicológico, ou seja, trabalhar corpo e mente ao mesmo tempo”, para consolidar o prestígio obtido em perto de cinco décadas.

“Há dez anos faço ‘clínicas’, na USP, para mostrar que a geração nova está sendo levada a vivenciar sua potencialidade física, sem um correspondente

aproveitamento psicológico, fraterno, espiritual, por falta de orientação dos professores, que também não tiveram isso” – explica o mestre uspiano. “Essas ‘clínicas’, de dois em dois anos no CEPEUSP, são feitas justamente para conscientizar a prática espiritual, a harmonia, a melhoria do equilíbrio emocional, além de trazer o conhecimento de mestres antigos, tanto da Angola como da Regional”.⁴

Numa palavra: Gladson defende, como tantos outros capoeiristas esclarecidos, o posicionamento de que saber jogar Capoeira não é sair por aí agredindo outras pessoas, mas sim um exercício de vigor físico e emocional, mantido sempre o respeito pelo próximo. Ele e outros lamentam que nem sempre se acha, dentre os capoeiristas de hoje, essa conscientização.

NAS OLIMPÍADAS?

Enquanto se procura alargar o sentimento de respeito pelo próximo e não a agressividade, procura-se também harmonizar procedimentos. De modo que a constatação do estudioso Waldeloir Rego (1968), segundo o qual “no jogo da capoeira vai muito de pessoal”, não pode ser tida como liberdade para cada participante inventar o golpe que desejar esperando eventualmente aplicá-lo de surpresa – o que iria contra sua utilização em larga geografia – mas sim como uma questão de estilo pessoal; respeitado um mínimo de regras gerais. Algo semelhante ao estilo de driblar de Mané Garrincha, de Rivelino, de Robinho ou de outros destaques do futebol; driblar com jeito pessoal, porém dentro de normas. Logo se observa que nem todos os líderes aceitam as procuradas normas padronizadas, para aceitação universal.

Diversos líderes procuram difundir a proibição do uso de golpes capoeirísticos de maneira maldosa. Também há restrições à aplicação de acrobacias, como

⁴ Em entrevista ao autor

saltos mortais, que nada têm a ver com a Capoeira e servem somente a shows para turista ver. Enquanto isso, providências são tomadas no caminho da colocação da Capoeira entre as lutas marciais de prestígio internacional, como é o caso da Confederação Brasileira de Capoeira já estar associada ao Comitê Olímpico Internacional. Mas há um considerável percurso pela frente. O professor Sérgio Luiz de Souza Vieira, da CBC, explica:

A Capoeira já sendo praticada em 48 países, estamos tentando chegar a 75 países, para podermos participar de megacompetições, do gênero de Olimpíadas. Estamos incentivando a criação de Ligas, no Brasil, e já temos 57 dessas entidades regionais; vamos fundar a Federação Mundial de Capoeira e realizaremos um congresso mundial de procedimentos, visando à sua padronização.⁵

Mas, ele não esconde a ocorrência daquelas atitudes de “rebelia” por parte de capoeiristas contemporâneos: “Existe certa resistência de vários praticantes da Capoeira, quanto à padronização de procedimentos”⁶. E explica que isso faz parte de uma fase de mudanças:

Para muitos, a Capoeira foi o único meio de ascensão social possível. Sabendo-se que essas pessoas tiveram sua ascensão conseguida informalmente, podem sentir-se inseguras; mas temos feito esforço para que esses capoeiristas se recidem. Também houve oportunidade para que mestres criassem procedimentos, práticas, golpes, de maneira que formaram grandes grupos, alguns até inimigos entre si. Agora, com a Confederação e o objetivo de padronização de procedimentos e técnicas, começa a haver um choque de posições.⁷

Essas opiniões coincidem com as de mestre Valdenor Silva dos Santos, presidente da Federação Paulista de Capoeira:

⁵ Em entrevista ao autor.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

Para se obter um reconhecimento internacional, faltam procedimentos básicos padronizados, visando a se dispor de um entendimento global, de uma linguagem universal. Os pontos mais críticos me parecem ser estes: graduações, didática e exploração da modalidade como desporto, com respeito a todos os valores advindos de um trabalho dirigido para a formação bio-psico-social do ser humano.⁸

Portanto, passou o tempo em que a Capoeira era uma malandragem macunaímica, objetivando derrotar o adversário e até sangrá-lo. Se se quiser que a “ginástica brasileira” alcance realmente a posição de modalidade em uma Olimpíada do século XXI, deverá ser aceita a necessidade urgente de se implantarem normas padronizadas e respeito mútuo. Até para manter características e identidade. De olho nesse futuro próximo, um slogan da Federação Paulista afirma: “Capoeira - a opção do 3º milênio”.

Conscientes da necessidade dessa padronização e de rigor nas normas, dirigentes capoeiristas reuniram-se em São Paulo no 2º Congresso Técnico Nacional de Capoeira, 1999. A pauta do evento revela essa preocupação: Código Brasileiro Disciplinar de Capoeira, conceituação de terminologia, padronização de entidades, revisão de conteúdos para aperfeiçoamento de arbitragem, criação de graduação infantil (5 a 13 anos) e outros itens. Hoje, existem cerca de 5.500 academias (ou entidades com outras denominações) de Capoeira. Além do Brasil, Argentina e Portugal têm suas federações. Com 75 países praticando o jogo atlético, poderá ser criada nova modalidade olímpica feminina; e depois, com 125 países, poderá ser aprovada a modalidade masculina. Alguns dirigentes confiam em que, para Olimpíadas vindouras, possa haver a modalidade Capoeira, já consolidada.

Nessas (desejadas) circunstâncias, haverá nomenclatura padronizada tendo por base

⁸ Idem.

a língua portuguesa praticada no Brasil; como ocorre hoje com outras modalidades desportivas, que mantêm sua nomenclatura na língua do país de origem. Exemplos: *tatame, yuko, ippon* (no judô), *soling, star* (classes de iatismo), *set* (no vôlei, no tênis, em bola-ao-cesto ou *basquete*) etc – termos integrados na crônica esportiva jornalística e em comentários de aficionados. No processo de institucionalização pelo qual passa a Capoeira, se os dirigentes forem felizes com a manutenção de suas características e sua identidade, ao mesmo tempo em que realçarem nela valores positivos aceitos pelas sociedades, é lícito supor que nas próximas décadas poderemos captar uma transmissão de emissora estrangeira, naturalmente em língua estrangeira, sobre acirrada disputa da nova modalidade olímpica, mais ou menos assim: “O japonês Nakamaki aplica um *rabode-arraia* no alemão Steffen Schmidt, que se livra e agora ataca com uma *bananeira*...!”

Tudo dentro dos padrões da santa paz desportiva das Olimpíadas modernas, sem malandragens antiéticas. Vamos torcer também para que a BBC de Londres possa transmitir: A GOLD MEDAL FOR BRAZIL, IN CAPOEIRA!.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AREIAS, Almir das. **O que é Capoeira**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAMPOS, H. (Mestre Xaréu) - **Capoeira na escola**, Salvador: Coletivo de Autores, 1990.
- CAMPOS, H. **Capoeira na Escola**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1998.
- CAPOEIRA, Nestor **Capoeira - pequeno manual do jogador**. São Paulo: Record, 1981.
- CARETA**. Rio de Janeiro, col., 1909.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira - pequeno manual**. 4.ed., Rio de Janeiro: Record, 1998.
- CARNEIRO, Édison. **Folgedos tradicionais**. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- CUNHA, Antônio G. da. **Dicionário etimológico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/UnB, 1998.
- JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, col., 1890.
- MORAES FILHO, Melo. **Festas e tradições populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Briguiet, 1946.
- O ESTADO de S. Paulo. São Paulo, col., 1909.
- REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola - ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.
- REIS, Letícia V. de Souza. **Negros e brancos**. São Paulo, USP, Mestrado, 1993.
- SALVADORI, M.A.B. **Capoeiras e malandros: pedaços de uma sonora tradição popular**. Campinas, Unicamp, Mestrado, 1990.
- SETE, Mestre Bola. **A Capoeira Angola na Bahia**. Rio de Janeiro: Pallas, 1997.
- SETTE, Mário. **Maxambombas e maracatus**. S. Paulo: Cultura Brasileira, s/d.
- SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira - do engenho à universidade**. 2.ed., S. Paulo: Cepeusp, 1995.
- Entrevistas com diretores de entidades associativas de Capoeira.